

# Traços semânticos na aquisição da linguagem<sup>1</sup>

Ruth E. Vasconcellos Lopes  
UFSC/CNPq



## 1 Introdução

A partir do Programa Minimalista (especialmente, Chomsky, 1998, 1999 e 2001), entende-se o acionamento paramétrico durante o processo de aquisição como a seleção de traços no léxico. Assume-se que há traços de duas naturezas: traços não-interpretáveis (formais) e interpretáveis (semânticos).<sup>2</sup> Os primeiros têm um papel na derivação sintática e no nível de interface com o componente fonológico, mas não na Forma Lógica (doravante, LF do inglês *Logical Form*), na interface com o componente semântico, pois não são objetos interpretáveis em tal interface e, assim, devem ser retirados (checados, apagados) da computação antes que a derivação atinja a LF. A seleção e o funcionamento dos traços não-interpretáveis são, portanto, por excelência o lugar da parametrização. Assume-se que os traços interpretáveis façam parte de um léxico universal e, por não terem um papel no sistema computacional e serem objetos legítimos para interpretação pelo componente semântico, não seriam traços parametrizáveis.

Há algumas implicações tanto para o funcionamento do programa quanto para a aquisição da linguagem que valem ser exploradas. Em primeiro lugar, itens lexicais são concebidos como conjuntos de traços que alimentam o sistema computacional para que gere derivações que serão, por seu turno, interpretadas semanti-

<sup>1</sup> Versões preliminares deste texto foram apresentadas durante o I CILP (Colóquio Internacional sobre o Português), UFSC, e em mesa-redonda durante o IV Congresso Internacional da ABRALIN. Agradeço aos participantes os comentários feitos. Quaisquer limitações remanescentes são de minha responsabilidade.

<sup>2</sup> Usaremos indistintamente, ao longo do artigo, os termos traços interpretáveis e não-interpretáveis e semânticos e formais, respectivamente.

camente. Entende-se, assim, a interpretação semântica de uma dada derivação como derivada composicionalmente da sintaxe. Cabe aqui uma distinção que será relevante para nossas hipóteses. Há traços semânticos intrínsecos a itens lexicais, como animacidade, por exemplo, e interpretações semânticas computadas composicionalmente a partir de um conjunto de diferentes traços da sentença. Neste último caso, teríamos traços como o de especificidade, por exemplo, ou interpretações como a de genericidade. Assim, em *menino* há um traço [+ animado] intrínseco ao item lexical, mas sua interpretação como específico ou genérico, por exemplo, dependerá do predicado em que ocorrer:

- (1) a. O menino da quitanda está doente.
- b. Menino brinca de carrinho.

Decorre, naturalmente, das suposições acima que, para a aquisição da linguagem, não deve haver problemas com os traços interpretáveis intrínsecos a itens lexicais, uma vez que são parte constitutiva do sentido de um dado item. Contudo, prevê-se que os traços semânticos que são mapeados a LF a partir da sintaxe possam resultar em dificuldade na aquisição, dada a imbricação de diferentes informações a serem calculadas para a interpretação. É preciso considerar, também, a relação entre os traços não-interpretáveis e os interpretáveis, uma vez que os primeiros devem ser selecionados a partir da Gramática Universal (GU), podendo, inicialmente, por hipótese, estar ausentes ou sub-especificados.

Dado o quadro acima, é natural que a literatura em aquisição da linguagem, especialmente de primeira língua (L1), pouco trate de traços interpretáveis, uma vez que todo o interesse paramétrico tem se concentrado nos traços não-interpretáveis. O objetivo deste artigo é discutir os traços interpretáveis durante o processo de aquisição da primeira língua, questionando se, de fato, têm algum papel no processo e, caso tenham, a forma como impactam o processo de aquisição. É preciso ficar claro que a distinção acima não se refere à aquisição de fenômenos semânticos, propriamente, sobre o quê há farta literatura; antes, nosso interesse é verificar o papel dos traços semânticos em termos de sua seleção durante a aquisição e no âmbito do funcionamento do sistema computacional em sua correlação com traços formais.

Nesse sentido, serão comparados os papéis dos traços interpretáveis e não-interpretáveis no processo de aquisição, visando a identificar seu funcionamento no desenvolvimento lingüístico da criança. Assume-se que a distinção entre essas duas qualidades de

traços tenha efeitos sobre a aquisição de L1. Em última instância, então, o que se pretende é avançar hipóteses de aprendibilidade (*learnability*) baseadas em tal distinção.

O papel dos traços interpretáveis na aquisição de segunda língua (L2) tem recebido bastante atenção (Sánchez, 2004; Tsimpli, 2004; entre outros), por assumir-se que a diferença entre a aquisição de L1 e L2 esteja, justamente, pautada pela acessibilidade aos traços interpretáveis por aprendizes de uma segunda língua, enquanto que, por hipótese, os traços não-interpretáveis não seriam mais acessíveis por estarem sujeitos ao Período Crítico.<sup>3</sup> Segundo Tsimpli (2004), aprendizes adultos de L2 compensam a falta de acesso a traços não-interpretáveis atribuindo traços interpretáveis a determinados elementos em sua gramática. Segundo a autora,

*[...] lexical items which bear uninterpretable features in the target language are 're-analysed' morphologically by the assignment of interpretable (semantic) features, which, in turn, regulate the distribution of these items, thus avoiding unconstrained optionality in their use by the adult L2 speaker. (Tsimpli, 2004: 2)*

Segundo essa visão, a diferença, portanto, entre crianças adquirindo uma L1 e adultos adquirindo uma L2, teria a ver com o fato de que para as crianças ambos os tipos de traços estariam disponíveis. É nosso objetivo, assim, verificar essa possibilidade.

Este artigo, conforme já se adiantou anteriormente, se propõe responder a pergunta: traços interpretáveis têm algum papel no processo de aquisição da linguagem? Dela decorre outra: se têm, são adquiridos globalmente, comparativamente à seleção de um dado traço não-interpretável – em termos mais tradicionais, são comparáveis à marcação de um valor paramétrico –, ou são adquiridos localmente, a partir de contextos sintáticos restritos? Nossas hipóteses prevêm uma resposta positiva para a primeira pergunta e assumem que traços semânticos sejam adquiridos localmente, ou seja, sejam dependentes de contextos sintáticos restritos, assim como são quando mapeados para interpretação em LF a partir de determinados contextos sintáticos. Em outras palavras, um mesmo traço semântico pode apresentar diferentes padrões de aquisição dependendo dos diferentes contextos sintáticos em que ocorre. Desta forma, um traço como especificidade, por exemplo, não é adquirido de uma vez, mas dependerá de sua inter-relação com outros traços, especialmente os formais. Por outro lado, espera-se encontrar o mesmo padrão de desenvolvimento em línguas que

---

<sup>3</sup> Em relação ao Período Crítico, cf. o trabalho clássico de Lenneberg (1967).

apresentem as mesmas interpretações semânticas quando houver formas em competição, como, por exemplo, a alternância nomes nus/DPs definidos em DPs com leitura genérica. Conquanto isso seja uma decorrência natural da hipótese que avançamos aqui, tal ponto não será explorado diretamente ao longo do artigo. Assumiremos, ainda, a partir de Tsimplici (op. cit.) que, assim como em L2, também em L1 traços semânticos sejam utilizados inicialmente pelas crianças como estratégia para evitar opcionalidade na gramática.

Através do exame da aquisição de dois fenômenos correlacionados no português brasileiro (PB) – objetos nulos e nomes contáveis singulares nus em posição argumental – pretendemos sustentar, para além das hipóteses básicas enunciadas anteriormente, que: (i) a competição entre traços semânticos lexicalmente intrínsecos e derivados sintaticamente pode levar a uma convergência mais lenta; (ii) informações conflitantes entre traços formais em um núcleo funcional e interpretação semântica podem levar, igualmente, à convergência mais lenta, ou seja, podem provocar uma demora na aquisição.

Para tanto, vamos examinar dados de produção espontânea longitudinal de duas crianças, R. – entre 1;9 e 2;8 anos – e AC. – entre 1;8 e 3;7 anos; além de resultados experimentais em nove crianças com idade média de 3;1 anos.<sup>4</sup>

O artigo está organizado da seguinte forma: discutimos, na seção 2, a aquisição de objetos nulos; na 3, apresentamos nossos resultados sobre a aquisição de DPs e nomes nus; finalizamos o artigo na seção 4, onde amarramos os dois fenômenos analisados sob a perspectiva das hipóteses aqui colocadas.

## 2 Objeto nulo

Lopes & Cyrino (2003), com base em Cyrino (1997) e outros autores, mostram que o objeto nulo no PB, para além de não apresentar restrições sintáticas, ocorre mais livremente quando o antecedente é [- animado]:<sup>5</sup>

- (2) O Emilio perdeu [a carteira] e não consegue achar Ø/?ela em lugar nenhum.

---

<sup>4</sup> Os dados de produção espontânea de AC. foram gentilmente cedidos pelo Centro de Aquisição e Aprendizagem da Linguagem (CEAAL) da PUCRS. Os dados de R. pertencem à base de dados do CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>5</sup> Cf., entre outros, Bianchi & Figueiredo (1994), Duarte (1986), Barra Ferreira (2000).

- (3) A Clara não quer que [o filho] veja TV, então ela sempre leva \*Ø/ele no parquinho.

Contudo, se o antecedente for [+ animado] e também [- específico], então o nulo é também licenciado:

- (4) a. O policial insultou [o preso] antes de torturar \*Ø/ele.  
b. (O) policial insulta [preso(s)] antes de torturar Ø/?eles.

Segundo Cyrino (1997), diacronicamente o objeto nulo surge em contextos proposicionais, onde haveria um clítico neutro de 3ª pessoa:

- (5) a. [Foi que D. Tibúrcio com a pena de se ver cometido de três mulheres], como vossa mercê sabe Ø ...  
b. Que é isto sobrinho? — Eu o não sei, em minha consciência.<sup>6</sup>

Paulatinamente, o nulo, originalmente um clítico neutro, fora se expandindo para outros contextos que comportassem o traço [- animado]. O traço de especificidade passa, igualmente, a ter um papel no licenciamento do nulo, à medida em que aumentam os contextos de uso desse elemento. Segundo Lopes & Cyrino (2003):

*The interesting fact is the impact of the specificity feature of the antecedent on the null. The [- specific] antecedents become null only in the XX<sup>th</sup> century, while the [+ specific] ones increase quite remarkably in the XIX<sup>th</sup> century. When animacy and specificity of the antecedent are crossed, an increase in the occurrences of the null objects with antecedents which are DPs [+specific, - animate] are observed in the XIX<sup>th</sup> century, while the increase in the null objects with [-specific] antecedents happens only in the XX<sup>th</sup> century. (p. 7)*

O que se percebe, então, é que o *input* para a criança adquirindo PB passa a apresentar altas porcentagens de nulos restritos pelos traços de animacidade e especificidade do antecedente. Segundo Cyrino (1997), a porcentagem de nulos com antecedente [+específico/-animado] chega a 87% no século XX.

---

<sup>6</sup> Exemplos da autora, retirados da mesma peça: Antônio José, *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, 1737.

Examinemos, agora, os resultados de aquisição.<sup>7</sup> Para a análise dos dados, considerou-se apenas verbos transitivos, bitransitivos e ECM, por serem os contextos que requerem um clítico nas demais línguas românicas. Contextos como em elipse sentencial (6) ou elipse de VP (7) foram desconsiderados para não aumentar artificialmente nossos resultados, uma vez que são casos de nulos categoriais na língua:

- (6) A(dulto): E o que acontece na história do Príncipe do Egito?  
C(riança): Já esqueci  $\emptyset$ . (AC, 3;7)
- (7) A: A senhora aceita um suco? (adulto e criança brincando de “casinha”)  
C: Aceito  $\emptyset$ . (AC, 2;1)

Na tabela 1, abaixo, encontramos os resultados gerais de retomada anafórica de um DP em posição de objeto para ambas as crianças.

Nulo		Pronomes fortes		DPs + Ns nus		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%
275	29.2	93	9.8	575	61	943	100

Tabela 1: Resultados gerais para as duas crianças

Podemos perceber, pela tabela acima, que o uso de nulo ainda está quantitativamente muito distante das figuras encontradas para a gramática adulta. Voltaremos a esse ponto em breve. Quando, entretanto, excluem-se os DPs lexicais, ficando a opção apenas entre nulos e pronomes fortes, então vê-se a clara preferência da criança pelo nulo.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Foge ao escopo deste artigo dar um tratamento teórico ao objeto nulo. Cf., nesse sentido, Cyrino (1997) e Lopes & Cyrino (2003), em que se propõe que o nulo no PB seja resultado de elipse nominal com reconstrução dos traços do antecedente em LF.

<sup>8</sup> Não vamos defender esse ponto aqui, mas consideramos o pronome realizado em posição de **objeto** como um pronome forte.

Criança	Nulo		Pronome forte		Total	
	N	%	N	%	N	%
R.	134	75.2	44	24.8	178	100
AC	141	74.2	49	25.8	190	100
Ambas	275	74.7	93	25.3	368	100

Tabela 2: Média de realização de objetos nulos e pronominais

A tabela abaixo nos fornece o desenvolvimento de nulos e pronomes ao longo das faixas etárias examinadas para cada criança:

Idade	AC		R		Total
	Nulo	Pronome	Nulo	Pronome	N
1;8-1;9	100	0	100	0	9
1;10	100	0	75	25	17
2;1	100	0	69.7	30.3	95
2;3	85	15	84.7	15.3	85
2;8	73	27	64	36	52
3;0	64	36			78
3;7	81	19			32
Total	74.2	25.8	73.5	24.7	368

Tabela 3: Porcentagem de objetos nulos e pronominais para cada criança ao longo do tempo

Os resultados mostram claramente um padrão crescente de uso dos pronomes ao longo do desenvolvimento, enquanto se observa um decréscimo no uso de nulos. A pergunta natural é saber se se trata de uma única e mesma categoria de nulo ou se há mudança de seu estatuto desenvolvimentalmente. Os resultados também apontam para o mesmo padrão de aquisição em ambas as crianças, embora se verifique em diferentes faixas etárias para cada uma: inicialmente, 100% de nulos até a entrada do pronome que surge na produção de R. aos 1;10 e na de AC aos 2;3.

Examinando os dados cuidadosamente, o que se percebe é que os objetos nulos inicialmente são instâncias de nulos dêiticos em contextos imperativos; contudo, quando os pronomes começam a ser utilizados, o nulo se torna anafórico. Essa observação deve ficar mais clara quando cruzarmos os resultados com os traços semânticos do antecedente. Por ora, comparemos (8) – um nulo dêitico – a (9), um nulo anafórico:

- (8) a. Garda (= guarda)  $\emptyset$  qui. (R., 1;9)  
 (A criança está segurando a chupeta, obviamente se referindo a ela)  
 b. Tila (= tira)  $\emptyset$  umbassu (= embaixo) (R., 1;9)  
 (A mãe havia colocado a chupeta sob o gravador)
- (9) Não vou guardar  $\emptyset$ . (AC, 3;7)  
 (A criança se refere a seus brinquedos que estão em outro ponto da casa)

Finalmente podemos discutir a relevância dos traços semânticos de animacidade e especificidade do antecedente, considerando apenas os casos de objetos nulos, a partir da tabela abaixo:

Cri- ança	[-anim/ +espec]	[+anim/ +espec]	[-anim/ -espec]	[+anim/ -espec]
AC	66.6% (70/105)	33.4% (8/22)	100% (30/30)	0
R	83.6% (117/140)	47.6% (10/21)	41.2% (7/17)	0
XX	87% (64/74)	0	93% (27/29)	57% (4/7)

Tabela 4: Porcentagem média de nulos para cada criança e resultados de Cyrino (1997) para o século XX, de acordo com os traços semânticos do antecedente (Numerador = nulo; Denominador = nulo + pronominal)<sup>9</sup>

O resultado mais importante a ser apontado diz respeito à alta porcentagem de objetos nulos [- animados], especialmente com antecedentes [+ específicos] (70 casos sobre 30 com o traço [- específico] para a criança AC). Podemos, assim, afirmar que o resultado mais claro envolve os traços [- animado, + específico]. Sem dúvida são os traços mais relevantes e os primeiros a se manifestar na aquisição. Contudo, é preciso notar que os nulos dêiticos iniciais também se encaixam nessa categoria. O problema para as crianças, entretanto, parece residir nos antecedentes com traço [+ animado]. Conquanto o número de casos não seja extremamente alto, ambas as crianças ainda usam nulos para antecedentes [+animados, + específicos], casos em que o adulto preferiria um pronome.

<sup>9</sup> Se os resultados para nulo na tabela 4 forem comparados aos resultados das tabelas 2 e 3, perceber-se-á que há uma diferença de 33 casos não computados na tabela 4. São casos em que se tornou impossível verificar os traços semânticos do antecedente e que, assim, não foram considerados.



Um dos resultados inesperados é a baixa produção de nulos com antecedentes [- animados, - específicos] pela criança R. No que diz respeito a antecedentes [+animados, - específicos], não foram encontrados na produção infantil, mas deve-se ressaltar que não são freqüentes também nos dados históricos, quer com nulos, quer com pronomes.

Voltando aos pronomes, podemos depreender da tabela 4 um quadro mais claro (considerando que o denominador inclui nulos e pronomes). Há 43 casos de antecedentes [+ animados, + específicos]; destes, 18 foram retomados como um objeto nulo – são os casos inesperados. Os 25 casos restantes foram divididos em [+ humanos], entre os quais há 14 casos de retomadas de antecedente [+humano], todos eles realizados por um pronome forte. Voltaremos a esse ponto logo a seguir. Esses casos, entretanto, surgem, por algum motivo que não vamos explorar aqui, mais tardiamente.

(10) E sabe quem pegou **ele** no final? (AC, 3;7) (referindo-se a um bebê)

Resumindo, observamos que o traço [- animado] já está estabilizado, uma vez que o traço de especificidade não interage com ele, pois o nulo é utilizado com antecedentes [- animados], quer sejam específicos ou não. O traço [+ animado], por outro lado, ainda não está totalmente estável, provavelmente em função de sua correlação com o traço de especificidade, embora devamos nos lembrar que as crianças reservam de forma categórica o pronome para antecedentes [+ animados], quando humanos. O problema está no uso de nulos para tais antecedentes, uma forma não adulta.

Baauw et al. (1997), examinando o princípio B em crianças adquirindo o espanhol, constataram um efeito semelhante ao discutido acima: a associação de um traço semântico, no caso [+humano], a pronomes. Vários estudos experimentais têm mostrado que crianças, no início da aquisição, violam o princípio B da teoria da Ligação (cf., entre outros, McKee, 1992; Chien & Wexler, 1990; Thornton & Wexler, 1999), permitindo que pronomes sejam localmente vinculados a um antecedente que os c-comanda. Esse fenômeno ficou conhecido como *Delay of Principle B-Effect* (DPBE). Porém, o que se verificava é que tal efeito não parecia existir em línguas com um completo sistema de clíticos, como é o caso do espanhol. Baauw et al. (op. cit.) mostram que essa afirmação é apenas parcialmente verdadeira. Segundo os autores, o DPBE surge, em línguas românicas, em função de uma atribuição inicial,

pela criança, de um traço [+ humano] para pronomes de 3ª. pessoa. Assim, em sentenças como:<sup>10</sup>

- (11) La niña la ve. (la = Maria/a casa)  
“A menina a vê”
- (12) La niña apunta hacia ella (ella = Maria/a casa)  
“A menina está apontando para ela”
- (13) La niña la ve a ella (ella = Maria/\*a casa)

as crianças tenderiam, inicialmente, a vincular os pronomes localmente em função do traço [+ humano] que, embora não seja um traço intrínseco aos pronomes, conforme se vê pela distinção entre (12) e (13), fora associado a eles na gramática infantil.<sup>11</sup> A semelhança que queremos estabelecer aqui entre nossos dados e os do espanhol diz respeito à atribuição de um traço não intrínseco a um dado elemento em períodos iniciais da aquisição, no caso, o traço [+ humano]. Retomaremos esse ponto logo abaixo.

Voltando às nossas hipóteses, podemos extrair algumas conclusões preliminares. Analisando o nulo como reconstrução de traços do antecedente em LF (cf. Cyrino, 1997), temos que o traço de animacidade é um traço intrínseco ao elemento nominal elidido, enquanto o traço de especificidade é um traço derivado sintaticamente. Isso explica, portanto, que a sua interação com o traço de animacidade é que vai resultar problemática para a aquisição – o que se confirma em nossos resultados, ao menos para o caso dos nulos que retomam antecedentes [- animados], sejam específicos ou não, e [+ animados, + específicos].<sup>12</sup>

Em relação ao traço [+ humano], a criança parece atribuí-lo ao pronome como uma estratégia para evitar contextos opcionais na gramática. Ora, se o nulo é associado ao traço [- animado], a gramática da criança encontra uma forma de expressar “animacidade” unicamente através dos pronomes. Talvez possamos hipotetizar que traços semânticos não intrínsecos funcionem como um subpa-

---

<sup>10</sup> Exemplos dos autores.

<sup>11</sup> Segundo a análise dos autores, nas línguas românicas, os clíticos seriam não-especificados para o traço [humano], enquanto os pronomes são, recebendo ou o valor positivo ou o negativo. Discutir essa análise e sua consequência para a nossa proposta foge dos limites deste artigo.

<sup>12</sup> Como apontou um dos pareceristas anônimos, a ausência de dados para antecedentes [+ animados, - específicos] enfraquece a hipótese de que o problema esteja na interação entre os dois tipos de traços, podendo muito bem ter a ver apenas com o traço de animacidade. Reconhecemos o problema, mas para que a hipótese seja de todo abandonada teríamos que proceder à aplicação de testes experimentais que ficam para trabalho futuro.

râmetro, eventualmente temporário, para evitar opcionalidade na gramática, conforme vemos nos nossos resultados e nos de Baauw et al. (1997). A proposta assumida por Tsimpli (2004) – explorada na introdução – parece, assim, também funcionar para a aquisição de L1, com a diferença de que as crianças associam traços semânticos não intrínsecos a determinadas categorias de forma temporária.<sup>13</sup>

Passemos, agora, ao segundo fenômeno a ser discutido: DPs e nomes nus.

### 3 DPs e nomes nus

De forma geral, os nominais nus nas línguas naturais se restringem a plurais e nomes não-contáveis, se em posição argumental (cf. Longobardi, 1994 e Chierchia, 1998 para uma visão paramétrica do fenômeno, dentre outros), a não ser que sejam nomes próprios. O PB, entretanto, permite nomes contáveis singulares nus em posições argumentais, assim como em não-argumentais:<sup>14</sup>

- |      |  |                                 |    |
|------|--|---------------------------------|----|
| (14) | He has drunk <i>beer</i> .                           | <N não-contável>                |    |
|      | Ele bebeu cerveja.                                   | Português                       |    |
|      | Juan bebe cerveza.                                   | Espanhol                        |    |
|      | *Jean buvais bière.                                  | Francês                         |    |
| (15) | He has bought <i>books</i> .                         | <N plural>                      |    |
|      | (Ele) comprou livros.                                | (✓Português Europeu (PE), ??PB) |    |
| (16) | *He has bought <i>book</i> .                         | <N singular contável>           |    |
|      | Ele comprou livro.                                   | (✓PB, *PE)                      |    |
| (17) | He has given him *(a) <i>book</i> .                  |                                 |    |
|      | Elle lui a donné *(un) livre pour son anniversaire.  |                                 |    |
|      | [ ] deu-lhe um livro/livros/*livro pelo aniversário. |                                 | PE |
|      | Ele deu um livro/livro pra ele de aniversário.       |                                 | PB |
| (18) | posições predicativas:                               |                                 |    |
|      | a. O João é médico.                                  | Português                       |    |
|      | b. Jean est médecin.                                 | Francês                         |    |

<sup>13</sup> Fica em aberto como e o que motiva a criança a sair dessa fase.

<sup>14</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre o fenômeno, cf. Munn & Schmitt (1999) e Lopes (2004a).

- c. Juan es medico. Espanhol  
 d. \*John is doctor. Inglês  
    ‘John is a doctor’

Os nomes singulares contáveis nus (doravante, nomes nus) no PB parecem comportar diferentes leituras, com diferentes comportamentos sintáticos para a estrutura. Assim, em (19), há uma leitura genérica e em (20), uma existencial. Observe-se que em ambos os casos, o nome nu é retomado discursivamente por uma anáfora plural. Já em (21) temos um indefinido nu, retomado no singular:<sup>15</sup>

- (19) [Criança] gosta de doce. \*Ela/Elas sempre pede(m) para comprar.  
 (20) Não gosto quando tem [criança] na sala. \*Ela/Elas faz(em) muita bagunça.  
 (21) É bom pôr [casaco]. Pega [um] no armário.

Vemos, na tabela 5, os resultados relativos à interpretação semântica do DP na aquisição, considerando as mesmas crianças anteriormente analisadas. Deve-se entender com cautela aqui o que se toma por interpretação dos DPs. Trata-se da interpretação atribuída a eles por adultos falantes de PB e não, necessariamente, a interpretação que a criança está atribuindo a eles. Uma checagem a esse respeito demandaria estudos experimentais que foram feitos apenas para os genéricos.

Interpretação	N	%
Específicos	501/655	76,5
Indefinidos	112/655	17
Existenciais	32/655	4,9
Genéricos	10/655	1,6

Tabela 5: Interpretação semântica do DP. Média geral para as duas crianças, considerando a totalidade de DPs produzidos (com ou sem determinante, lícitos e ilícitos)

<sup>15</sup> Os rótulos “leitura genérica”, “existencial” e indefinido aqui devem ser entendidos a partir do comportamento sintático dos elementos. Não há um comprometimento teórico em termos de uma análise semântica para os DPs. É bom ressaltar que as leituras genérica e existencial são, obviamente, dependentes do predicado em que os nomes nus estão.

Vemos que há uma forte tendência para o uso de DPs específicos. Os nomes nus que ocorrem nessa categoria são casos gramaticais de queda do determinante como em:

(22) *Abi beçu* (= abre o berço) (R., 1;9)

Os indefinidos, marcados ou não pelo artigo indefinido, também não parecem trazer problema para a criança. Há poucos casos de existenciais e, especialmente, de genéricos. Conforme nossa previsão inicial são justamente esses dois elementos que constituirão problema para a aquisição, pois há uma informação conflitante entre a estrutura sintática e sua interpretação semântica: enquanto o traço de número é morfologicamente realizado como singular, sua interpretação semântica é necessariamente plural, como se constata em (19) e (20).

Lopes (2004b) propõe a seguinte estrutura para o DP:

(23) [DP [NumP [NP]]]

em que os artigos indefinidos são gerados como núcleo de NumP e os definidos, expletivos ou não, em D.

Raposo (1998) propõe uma distinção paramétrica entre o português e as outras línguas românicas, segundo a qual a primeira possui um determinante definido nulo (*d nulo*) em seu léxico. Seu objetivo é dar conta de uma generalização que observa: línguas de objeto nulo apresentarão igualmente o determinante nulo. Vamos assumir a proposta paramétrica do autor, mas não sua implementação propriamente, pois é preciso observar que há uma diferença nas propriedades do *d nulo* em PE e PB, um novo parâmetro que diferencia as duas línguas possibilitando o licenciamento de nomes nus apenas plurais na primeira e singulares na segunda. Propomos, então, que enquanto em PE o *d nulo* seleciona NumP, assim como sua contrapartida fonologicamente realizada, gerando nomes nus plurais; em PB, o *d nulo* necessariamente apaga (ou não-seleciona) NumP, o que resulta em uma realização morfológica *default* de singular para o nome – cujos traços são interpretáveis e não precisam ser valorados. A não seleção do núcleo de número em PB é que permite que nomes nus singulares possam receber interpretação semântica plural. Decorre, desta análise, a previsão natural de que as estruturas que envolvam o apagamento do núcleo de número – com todas as conseqüências sintáticas e semânticas que isso produz – é que serão as mais renitentes para a convergência na gramática alvo.

Nossos dados mostram que ambas as crianças iniciam produzindo DPs definidos, indefinidos e nus, sempre no singular. Nos primeiros arquivos analisados, os nus incluem casos agramaticais com queda do determinante e leitura específica (como em (22)), assim como casos de nus indefinidos. Mais especificamente, as leituras específicas (como em (1a)) são atestadas desde a primeira faixa etária examinada. As leituras indefinidas se tornam produtivas a partir de 1;10. DPs plurais – com determinantes realizados – tornam-se produtivos, em ambas as crianças coincidentemente, a partir de 2;1 anos. Uma vez atestadas as formas plurais, são encontrados os nomes nus com leitura existencial e genérica (assim como DPs quantificados), uma correlação esperada dada a interpretação plural do nome nesses casos.

É plausível sustentar, pelos resultados acima, que a camada NumP, assim como a do DP – ao menos para os casos de determinantes realizados abertamente – sejam derivadas desde muito cedo, desde o primeiro estágio observado. Contudo, parece haver, inicialmente, um traço não-interpretável em Num, por ser um traço formal em um núcleo funcional, com valor *default* singular. Essa é uma assunção empírica em função da totalidade de DPs singulares produzidos pelas crianças inicialmente. Tal traço passa a ser valorado pelo traço interpretável de número no nome quando a criança começa a marcar o plural morfológicamente conforme a gramática adulta.

Resta ainda investigar a seleção ou não do núcleo Num em função do determinante, aberto ou nulo. Embora haja instâncias de nomes nus genéricos e existenciais, nada poderíamos afirmar, com base nos dados dos *corpora* que analisamos, sobre como as crianças representariam tais DPs em relação a NumP, já que não há casos de retomada anafórica discursiva nos dados de produção (como em (19)). Era preciso, portanto, checar como as crianças pequenas, de fato, interpretam tais DPs e como os retomam anaforicamente, o que nos permitiria diagnosticar a seleção ou não de NumP. Para tanto, aplicou-se um experimento de Julgamento de Valor de Verdade (*Truth-value Judgment Task*. Cf. Crain & Thornton, 1998), investigando apenas os genéricos. O experimento fora aplicado a nove crianças com idade média de 3;1 anos; porém, os resultados de duas delas foram descartados por apresentarem respostas aleatórias. O experimento consistiu de quatro histórias testando uma sentença alvo em duas condições: (i) anáfora discursiva singular e (ii) anáfora discursiva plural, referindo-se ao DP genérico singular nu sendo testado. Segue abaixo um exemplo de história testada:

- (24) O Sr. Bombeiro estava passeando pelo parque quando ele achou um tapete.  
 Bombeiro: Puxa, um tapete. Ia ser tão legal se o tapete fosse mágico e voasse!  
 Então ele dá uma experimentada, senta no tapete e o tapete começa a voar. Voa, voa, mas é muito chato voar sozinho. Então ele resolve convidar outras pessoas pra voar com ele. Ele olha pra baixo e vê muitos jogadores de futebol no parque.  
 Bombeiro: Ei, jogador, você não quer voar comigo?  
 1º Jogador: Ah, não, eu tenho medo.  
 Bombeiro (encontra outro jogador): Ei, jogador, você quer dar uma volta no meu tapete mágico?  
 2º Jogador: Ah, não sei, parece legal, mas eu tenho medo. Não vou, não.  
 Bombeiro (encontra ainda outro jogador): Ei, quer voar comigo?  
 3º Jogador: Não, obrigado, eu tenho medo de voar. (4º, 5º jogador etc.)
- (25) Sentença alvo:  
 [[Jogador] é muito chato. (i) [Ele] tem medo de voar.  
 (ii) [Eles] têm medo de voar.<sup>16</sup>

Nossos resultados mostram que apenas as duas crianças mais velhas (3;11) rejeitaram a anáfora singular em 100% dos casos, como os adultos. As cinco crianças mais novas aceitavam tanto a anáfora singular, quanto a plural (85,7% dos casos, aqui agrupados). Podemos afirmar, então, que as crianças mais velhas já selecionaram o traço relevante no determinante nulo que não permite a co-seleção do núcleo de número. As mais novas ou oscilam nessa seleção, ora projetando ora não projetando NumP, ou selecionam esse núcleo independentemente da presença do determinante nulo. Em relação à interpretação semântica do DP, todas mostraram a leitura esperada como genérico, quando questionadas pelo fantoche que parecia “não entender a generalização”.

Embora aplicado a um número reduzido de crianças, esses resultados permitem concluir que o conflito entre a interpretação semântica plural e a marcação morfológica singular em nomes nus

<sup>16</sup> Note-se que nesse tipo de experimento é preciso que ambas as condições testadas sejam plausíveis, embora possam ser falsas. Assim para (i) V = se ‘ele’ for interpretado como os jogadores e F = se ‘ele’ for interpretado como o bombeiro. (ii) é verdadeira sempre porque só pode ser interpretada em relação aos jogadores.

contáveis é que gera dificuldade para a aquisição completa do DP em PB.

#### 4 Amarrando as pontas, à guisa de conclusão

Uma das hipóteses apresentadas na introdução deste artigo previa que traços semânticos fossem adquiridos localmente, ou seja, fossem dependentes de contextos sintáticos restritos, assim como quando são mapeados para interpretação em LF a partir de determinados contextos sintáticos. Em outras palavras, um mesmo traço semântico pode apresentar diferentes padrões de aquisição a depender de um determinado contexto sintático. Colocando a pergunta de outra forma: dominado um traço interpretável, é ele dominado produtivamente em quaisquer contextos?

Podemos retomar essa pergunta juntando a discussão feita nas duas seções anteriores. Vimos, em relação à aquisição dos objetos nulos, que a instabilidade parece ocorrer com a interação entre animacidade e especificidade – uma instabilidade que se verifica até o último arquivo examinado, quando uma das crianças tinha 3;7 anos. Dado que o traço de especificidade é derivável sintaticamente e não intrínseco a itens lexicais, a previsão era mesmo que se tornasse problemático para a convergência total na gramática adulta. Contudo, quando examinamos a aquisição dos DPs, verificou-se que esse mesmo traço – na distinção DP específico *vs.* não-específico – é produtivo a partir dos primeiros arquivos examinados (1;10 anos para a mesma criança). A explicação – para essa discrepância entre os resultados e para a aquisição precoce do traço de especificidade no DP – parece residir no fato de que o traço de especificidade será interpretável no determinante, como [+ específico] para o definido (ao menos para o realizado fonologicamente) e [- específico] para o indefinido, derivando, assim, a qualidade semântica do DP para sua devida interpretação em LF. Esse quadro nos permite responder negativamente a pergunta acima. Um dado traço interpretável, caso não seja intrínseco a um dado item lexical, será adquirido localmente a partir de sua interação com outros traços interpretáveis e não-interpretáveis.

Retomando nossas hipóteses e a discussão feita nas seções anteriores, podemos concluir que a reconstrução e/ou interpretação em LF de um traço semântico intrínseco a um elemento lexical – como animacidade, no caso dos antecedentes de objetos nulos – não parece colocar problema para a aquisição, pois sua aquisição se dá com a aquisição do item lexical. Por outro lado, um traço cuja



interpretação dependa da computação sintática, como o de especificidade, parece provocar um atraso no processo de aquisição.

Vimos, ainda, que, sempre que possível, há a associação de um traço semântico a um determinado contexto sintático, como forma de evitar temporariamente opcionalidade na gramática. Foi o caso da associação do traço [+humano] aos pronomes fortes pelas crianças adquirindo o PB e o espanhol.

Podemos fechar o artigo retomando as hipóteses iniciais, segundo as quais: (i) a competição entre traços semânticos lexicalmente intrínsecos e derivados sintaticamente pode levar a uma convergência mais lenta e (ii) informações conflitantes entre traços formais e sua interpretação semântica podem levar, igualmente, à convergência mais lenta. A evidência para elas parece ser positiva, assim como o é a resposta para a pergunta inicial: traços interpretáveis têm algum papel no processo de aquisição da linguagem?

### Referências

- Baauw, S.; W. Phillip & M.A. Escobar (1997) A delay of principle B effect in Spanish speaking children: the role of lexical feature acquisition. In: A. Sorace, C. Heycock, R. Shillcock (eds.) *Language Acquisition: Knowledge Representation and Processing: Proceedings of GALA '97*, HCRC, Edinburgh.
- Barra Ferreira, M. (2000) *Argumentos nulos em português brasileiro*. M.A. thesis, UNICAMP, Brasil.
- Bianchi, V. & M. C. Figueiredo Silva (1994) "On some properties of agreement-object in Italian and Brazilian Portuguese". In Mazzola, M., ed. *Issues and theory in Romance linguistics*. Washington, DC, Georgetown University Press.
- Chien, Y-C & K. Wexler (1990) Children's knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language Acquisition* 1: 225-295.
- Crain, S & R. Thornton (1998) *Investigations in UG: a guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Chierchia, G. (1998) Reference to kinds across languages. *Natural language semantics*, 6: 339-405.
- Chomsky, N. (1998) Minimalist Inquiries: the framework. *MITOPL*, 15.
- Chomsky, N. (1999) Derivation by Phase. *MITOPL*, 18
- Chomsky, N. (2001) Beyond Explanatory Adequacy. *MITOPL*, 20.
- Cyrino, S.M.L. (1997) *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-dicárônico*. Londrina, Editora da UEL.
- Duarte, M. E. L. (1986) *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil*. MA Thesis: PUC, São Paulo.

- Lenneberg, E. (1967) *Biological Foundations of Language*. New York: John Wiley & Sons.
- Longobardi, G. (1994) Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, 25: 609-665.
- Lopes, R.E.V. & S. M. L. Cyrino (2003) Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition. Artigo apresentado no Going Romance. Nijmegen, Holanda. (no prelo)
- Lopes, R.E.V. (2004a) Estágios no processo de aquisição de número no DP do Português Brasileiro. *Letras de Hoje*, 39: 157-171.
- Lopes, R.E.V. (2004b) DP number agreement in the acquisition of Brazilian Portuguese. Artigo apresentado no *The Romance Turn: Workshop on the acquisition of Romance languages*. Madri, Espanha.
- Munn, A. & C. Schmitt (1999) Bare nouns and morphosyntax of number. *LSRL*, 29.
- Raposo, E. (1998) Definite/zero alternations in Portuguese. UCSB, ms.
- Sánchez, L. (2004) Functional convergence in the tense, evidentiality and aspectual systems of Quechua Spanish bilinguals. *Language and cognition*, 7: 147-162.
- Thornton, Rosalind & Kenneth Wexler (1999) *Principle B, VP ellipsis, and interpretation in child grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Tsimpli, I. (2004) Interpretability of Features in First and Second Language Acquisition: Greek clitics and determiners. Aristotle University of Thessaloniki, ms.